

Afectos y emociones en trayectos no monógamos.

Monica Barbosa.

Cita:

Monica Barbosa (2019). *Afectos y emociones en trayectos no monógamos*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/2687>



Afectos y emociones en trayectos no monógamos.

Monica Barbosa¹

Resumen

Objeto de investigación de la Sociología de los Cuerpos y de las Emociones, los afectos son inherentes a las relaciones sociales, pues es por medio del cuerpo que se forman nuestras sensibilidades y se da la mediación con el mundo. En el cuerpo, la potencia de afectar, por las acciones, o de ser afectado, expresada en las pasiones, puede ser ampliada o retraída. A partir de esta perspectiva, este artículo presenta los pasos iniciales de una investigación que tiene por objetivo la realización de una cartografía de las constelaciones íntimas, como defino en este trabajo, un conjunto de elementos interconectados, relaciones atravesadas por intensidades afectivas, cuya potencia puede constituir líneas de fuga entre la monogamia y las prácticas que ésta engendra. Pero romper con la monogamia es ponerse en choque con una regla de sentimientos que suele entender que el amor puede ser vivido solamente con una persona a la vez, o que nos lleva a preguntar hasta qué punto es posible resistir sin padecer. A partir del análisis cartográfico de una historia de vida, busco comprender cómo personas consteladas íntimamente atribuyen sentidos a sus prácticas sexuales y amorosas, y además, cómo los afectos de alegría y tristeza aparecen en estas narrativas.

Palabras clave

Afectos; Emociones; Constelaciones íntimas; No-monogamia.

Afectos y emociones en trayectos no monógamos

Introdução

O corpo é superfície de formação de nossas sensibilidades sociais e mediação com o mundo. Nele que se engendram nossas práticas, se instalam mecanismos de suportabilidade social e dispositivos de controle das sensações e expressões (SCRIBANO, 2013). No corpo, a potência de afetar, pelas ações, ou de ser afetado, expressa nas paixões, pode ser ampliada ou retraída. Inerentes às relações sociais, os afetos são objeto privilegiado de investigação da Sociologia dos Corpos e das Emoções, perspectiva que vai de encontro à cisão entre racionalidade e afeto, presente na cultura ocidental. Desfazer este equívoco conceitual é tarefa de uma sociologia que compreende razão e afeto como um continuum.



Partindo desta perspectiva, este artigo apresenta os passos iniciais de uma pesquisa que realiza uma cartografia² das constelações íntimas. Uso este termo para descrever um conjunto de elementos interligados, relações atravessadas por intensidades afetivas, cuja potência pode constituir linhas de fuga da monogamia e das práticas que ela engendra. Estas constelações podem ser consensuais, quando todas as pessoas participantes desses arranjos têm conhecimento sobre a não-exclusividade monogâmica e concordam com isso. As constelações íntimas podem não ser consensuais, quando as pessoas implicadas quebram um acordo de exclusividade previamente estabelecido ou esperado. Há ainda constelações nas quais operam os acordos tácitos, do tipo “faça o que quiser, mas não me deixe saber”. Sem pretensão de exaurir o assunto, busco compreender cada constelação íntima em seu próprio contexto.

Este artigo propõe suas análises à partir de um diálogo entre a filosofia e as ciências sociais, mais especificamente o campo que vem se delineando como Sociologia dos Corpos e das Emoções. De um lado, assume uma ontologia spinozista que define afeto como uma potência vital, irrestrita aos humanos, a subsistir nos corpos como ação ou paixão. De outro indaga sob quais condições sociais³ a potência de pessoas não-monogâmicas é aumentada ou diminuída, ou, dito de outra forma, como é possível constituir ações e paixões alegres, quando a não-monogamia é hegemonicamente constituída, no Ocidente, como paixão triste?

Tomando a história de vida de Aline, em uma relação não-monogâmica consensual (NMC) com dois parceiros, mãe de uma criança com um deles, analiso “a dor e a delícia” de estar constelada amorosamente em uma cultura mononormativa.

Afetividades

Spinoza define afeto como a potência de afetar e ser afetado ao qual todos os seres humanos e não-humanos estão sujeitos (Spinoza, 2008). Partindo de uma “ontologia do necessário”, como define Ferreira de Paula (2009: 19), o autor desenvolve três importantes conceitos para compreender o comportamento humano: conatus, ação e paixão.

O conatus é o esforço constitutivo que todo ser vivo faz para perseverar em si mesmo. Não se trata de uma propriedade que um ser possui, mas o próprio ser é conatus ou desejo, agenciamento de devires que efetua o acoplamento de corpos. Desejo, como nos lembra Chauí (2005), deriva do verbo desidero, que provém do substantivo sidus, mais usado no plural sidera ou constelação. E por se referir aos astros, sidera se refere



a influencia dos astros sobre o destino humano, na astrologia. Ser siderado é ser fulminado, atingido por um astro: “De sidera vem considerare – examinar com cuidado, respeito e veneração – e desiderare – cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros)”(Chauí, 2005: 167-172). Desiderar é, então, tomar o destino nas próprias mãos.

Deleuze e Guattari (2010), inspirados em Spinoza, tratam o desejo como potência produtora de realidade. Os autores entendem o campo social como um produto historicamente determinado pelo desejo, no qual a libido não necessita de intermediação, de sublimação ou de operação psíquica para engendrar forças produtivas e relações de produção: “Há tão somente o desejo e o social, e nada mais” (p. 46). Nesta abordagem, o desejo é o fluxo de corpos em seus processos maquínicos.

Como os corpos não existem de forma isolada - estão situados no mundo e estabelecem relações de interação causal com outros corpos, o aumento ou a diminuição na potência de agir é determinado por causas externas, desde a interação do corpo com outras coisas, com outros corpos (Gleizer, 2011).

O aumento na potência de agir constitui a alegria, ao mesmo passo que é constituído por ela. A diminuição na potência de agir, por outro lado, constitui a tristeza, ao passo que é constituído por ela. Somente os afetos alegres podem fazer a mente pensar/agir. Quando não age, a mente padece de uma paixão. As paixões podem ser alegres ou tristes.

Butler afirma a importância de um contexto social propiciador de condições para que cada um persista em si: “Não posso persistir em meu próprio ser sem ser parte de um mundo social que torna isso possível e em relação com outros, que, em certo sentido, precisam solicitar ou apoiar meu desejo de viver” (Butler, 2010 In Knudsen, 2010).

Compreender como operam os afetos na composição de uma relação não- monogâmica passa por entender em que medida o contexto social propicia condições para que os encontros amorosos entre mais de duas pessoas sejam alegres. O amor, assim como o ódio, é provocado por causas externas e tem potencial para se multiplicar em rede. Derivado do sentimento primário de alegria, o amor é o afeto alegre associado à impressão (imagem ou percepção) alegre deixada por um objeto em nosso corpo (Spinoza, 2008).

Segundo Spinoza (2008), “Se imaginamos que alguém afeta de alegria a coisa que amamos, seremos afetados de amor para com ele...” (p. 189). Até que ponto esta afirmação se confirma em uma sociedade na qual a monogamia é prova de amor, mais



que isso, é seu próprio regime de verdade? Quando alguém afeta de amor a quem amamos, o ciúme é reposta corriqueira. Bastante tolerado socialmente e por vezes valorizado com um tipo de cuidado, geralmente não faz padecer somente quem o sente, mas as pessoas a quem ele se dirige. A alegria de ver amantes sendo amados ou amando outras pessoas é chamada de compersão⁴, sentimento oposto ao ciúme, termo adotado nos discursos sobre poliamor para se referirem a um afeto ativo, por vezes conquistado com um trabalho afetivo de sublimação do ciúme. Seria a compersão o antídoto para o ciúme?

Concebidos pelo senso comum como individuais, os afetos, que ocorrem no encontro de corpos e os sentimentos que produzem modificações individuais nos corpos, são produzidos socialmente e sujeitos a processos de normalização, assim como a sexualidade. Segundo Hochschild (2008), regras de sentimento emergem no social e modelam o que sentimos e como sentimos. “Las reglas del sentimiento definen lo que imaginamos que deberíamos y no deberíamos sentir, y lo que nos gustaría sentir en una gama de circunstancias: muestran cómo juzgamos el sentimiento” (p. 121). Ou seja, o contexto social afeta nossos afetos.

O julgamento dos sentimentos, ao qual Hochschild (2008) se refere, é feito a partir de um contexto normativo no qual também emergem regras de expressão, que prescrevem quem pode manifestar os sentimentos e como apresentar as emoções. A autora indica três forças que incidem em tal julgamento: a ideia de normalidade, formada principalmente a partir dos critérios estabelecidos pela medicina; a moral, cujos critérios são estabelecidos a partir dos códigos de conduta forjados numa determinada cultura; e o contexto sócio-situacional, que diz respeito aos costumes de modo geral, por exemplo, a maneira de vestir, de se portar ao comer, o que costuma aparecer sob o rótulo da “etiqueta” (p. 122).

A antropóloga feminista Gayle Rubin (1989) mostra que a diversidade erótica, na cultura popular, é tida como socialmente ameaçadora, no que a autora chama de “sistema de estigma erótico”. Neste pensamento, sustentado pelas mídias, operam os discursos de “pecado sexual, conceitos de inferioridade psicológica, anti-comunismo, histeria de massa, acusação de bruxaria, e xenofobia” (p. 20). A produção do sentimento de ameaça é uma eficaz tática política sob a qual atrocidades são justificadas.

O julgamento dos sentimentos e dos comportamentos são feitos, sobretudo, à partir de uma matriz biopolítica capitalista, à qual se subsumem as ideias de normalidade, moral e etiqueta, como linhas num dispositivo. Como nos mostra Foucault (2009) o sexo



passou a provocar, desde o século XVIII, “uma espécie de erotismo discursivo generalizado” (p. 39). Os comportamentos que não estavam vinculados à economia da reprodução foram vinculados à doença mental, desvios foram caracterizados, controles e tratamentos foram desenvolvidos, o prazer perverso entrou em cena.

O procedimento cartográfico de análise

Escapar da dialética que opõe o múltiplo ao uno é uma prescrição de prudência deleuziana. O múltiplo não é um fragmento numérico de uma totalidade, tampouco um elemento orgânico de uma totalidade em devir. Trata-se de distinguir multiplicidades arborescentes e multiplicidades rizomáticas, massa e matilha que podem ora penetrar-se, ora opor-se.

As multiplicidades rizomáticas são aquelas que se buscam compreender pelos seus afetos, as arborescentes por suas identidades. Matilhas constituem linhas de desterritorialização, massas constituem linhas de segmentarização. Em uma matilha, segundo Deleuze e Guattari (Deleuze e Guattari, 2011), é possível estar só, realizando suas próprias ações, mesmo estando com ou outros, tomando posição periférica em relação ao grupo. Na massa operam as identificações do indivíduo ao grupo e do grupo ao chefe, numa fusão que busca o centro do grupo. Massas e matilhas formam arranjos (Deleuze e Guattari, 2011). Neste sentido não há uno e múltiplo, apenas multiplicidades de multiplicidades, diferenças de diferenças que se interpenetram.

A questão ética que se coloca à análise cartográfica, em detrimento dos regimes de representação é como traçar um plano comum, conceito político indispensável a análise do campo social, diante da heterogeneidade de um rizoma. Segundo Kastrup (2013), a transversalidade é o que conecta heterogêneos, de forma que é necessário borrar as fronteiras que apartam saberes e indivíduos ou que criam a dimensão do “fora das organizações ou formas instituídas, onde se atravessam diferentes semióticas (significantes e não significantes), onde o grupo experimenta sua dimensão de coletivo” (p. 266). Isto não implica na criação do homogêneo, mas do comum, conceito político que não é dado a priori, mas se constrói na experiência e habita o limite entre o que comuna e o que difere, o que conecta e o que tensiona (Kastrup, 2013).

Nesta cartografia, trabalhamos com a história oral de vida. Segundo Becker (1994) “[...] para entender porque alguém tem o comportamento que tem é preciso entender como lhe parecia tal comportamento, com o que pensava que tinha que se confrontar, que alternativas via se abrirem para si.”(p. 103). Aos poucos, vou percebendo que minha



história de vida também interessa às minhas interlocutoras e a mim parece uma troca justa e necessária. Somos outsiders.

Constelação Aline

Conto um pouco deste plano comum que vou construindo com meus/minhas interlocutores, iniciando pela constelação Aline⁵. Minha história com ela começou em um evento de lançamento do meu livro, organizado pelo coletivo feminista Amor em Rede: Aprendendo com Conexões, em São Paulo (SP/Brasil), no final de 2015. Durante o debate, em que as prioridades de fala eram das mulheres, Aline falou da importância do registro das uniões poliafetivas⁶ para pessoas que tinham filhos, como era seu caso. Ela estava com um de seus dois companheiros. Ao final, comprou o livro e combinamos de manter contato para uma futura entrevista.

Quando entrei em contato com Aline para falar sobre a pesquisa e dizer que gostaria de entrevistá-la, ela foi muito receptiva, reação que não era óbvia para mim, pois no livro eu fazia críticas contundentes ao casamento e estava diante de uma pessoa que manifestava a vontade de se casar, ainda que não se tratasse de um casamento convencional. Aline disse que considerava meu trabalho importante, pois se sentia marginalizada por seu modo de vida. Posso dizer, provisoriamente, que o livro nos ajudou a traçar o plano comum, não por compartilharmos as mesmas posições políticas em relação ao casamento, mas à monogamia compulsória. Somos da mesma geração e vivemos fora do armário monogâmico o tanto quanto possível.

Aline, de 44 anos, que até pouco tempo coabitava com dois parceiros, há 17 e 6 anos, respectivamente, conta que pensou em registrar uma união poliafetiva, antes de dar entrada ao processo de adoção de seu filho, Rodrigo, mas foi desencorajada por sua advogada. O fato de estar numa relação não- monogâmica poderia atrapalhar o processo. Este primeiro evento mostra a um só tempo os efeitos da institucionalização de um tipo de arrajamento familiar e as implicações de não corresponder a ele. Sandra, outra de minhas interlocutoras, advogada, 26 anos, alude para a importância da regulação jurídica no caso da existência de filhos. “Quem tem direito a guarda compartilhada no caso de separação, numa relação de três pessoas?”, ela indaga.

No caso de Aline, a adoção foi realizada por um de seus parceiros, Hélio, num processo informal, que chamaram de “adoção à brasileira”, em acordo com a mãe biológica. Quatro anos depois, relata Aline, a mãe biológica de Rodrigo, sabendo que Hélio vive uma relação poliamorosa com outras duas pessoas, tentou obter vantagens financeiras



sobre o fato, ameaçando denunciá-lo ao Conselho Tutelar. Mas qual seria a matéria da denúncia? O que poderia desqualificar Hélio enquanto pai?

Embora a constelação íntima de Aline tenha resistido à chantagem, a denúncia ocorreu. A mãe biológica sugeriu que a constelação abusava sexualmente da criança. Recolhido a um abrigo, Rodrigo passou dois meses afastado de sua família e o primeiro companheiro de Aline saiu de casa, para que Hélio e Aline pudessem sustentar a ideia de uma “família normal”.

A entrevista que eu realizaria com os três teve que ser adiada. Passei um longo tempo pensando que havia falhado como pesquisadora, porque Aline não respondia mais as minhas mensagens. Ao recuperar a guarda do filho, ela me enviou uma mensagem de desculpas pelo silêncio: “Estava passando por um momento tão doloroso que não conseguia mais falar”, disse. Aline, seus dois companheiros e seu filho, Rodrigo, entraram numa cadeia de paixões tristes. Todos padeceram um pouco, de maneiras distintas, com os afetos desta história.

A mãe biológica de Rodrigo não é minha interlocutora, mas seus afetos – que só posso conhecer pelo relato de Aline – me conduzem a um aprofundamento na problemática da bipolítica capitalista, como pano de fundo afetivo destas relações. Fica claro que a mãe biológica é uma pessoa em situação de vulnerabilidade social, com histórico de exploração infantil. Não cabem aqui interpretações que a vitimizem ou a essencializem, apenas uma análise de como esta mãe estabelece relações de força com a constelação de Aline, que se encontra em um patamar social mais elevado, mas não menos vulnerável.

Uso este caso para introduzir ao trabalho o modo como se procede a uma cartografia. Os afetos da mãe biológica, que não faz parte da constelação íntima de Aline, passam a compor a topografia da pesquisa. Eles traçam uma linha de fuga em relação ao tema principal, a não-monogamia, para mostrar uma relação de forças que se faz presente no caso abordado e compor um “plano de consistência das multiplicidades” cujas dimensões são definidas pelo fora, pelas linhas de desterritorialização (Deleuze e Guattari, 2011).

Dois conceitos são importantes para compreender um arranjo: as formas de expressão ou multiplicidades discursivas, o que é enunciável, dizível, o que se expressa pelas palavras; e as formas de conteúdo, multiplicidades não-discursivas, o que é sensível, visível, que se mostra nas coisas (Deleuze e Guattari (2011), linhas de



segmentaridade, pelas quais se procedem os estratos, as classificações, os significados, as organizações; e as linhas de desterritorialização que rompem o rizoma, sem contudo deixar de se remeter as outras, ou se reterritorializarem. Como afirmam Deleuze e Guattari (2011), “Os grupos e indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização” (p. 26).

Volto ao caso estudado, à constelação Aline, que depois de operar uma desterritorialização da monogamia, da família nuclear, opera uma reterritorialização da família e do casamento, agora tentando se reinscrever no marco de uma união poliafetiva e com um filho. Ela se conecta a uma ameaçadora máquina jurídica (que antes lhe parecia uma solução); e a uma mãe hostilizada pela pobreza. Uma miríade de eventos, nos quais ação e paixão se articulam e mostram feridas abertas pelo campo social: estratificações de classe e gênero, estatutos que se negam, uma ameaça que se realiza, o medo que faz Aline formar um novo casal e um de seus companheiros sair de casa. Neste caso, chama a atenção como o marido “oficial” deve perder a visibilidade para que sua constelação possa estabelecer relação com o enunciado “família”, possa designar uma “verdadeira” família. A designação, como mostra Deleuze (1997), é a dimensão de uma proposição que opera pela associação de palavras a imagens particulares “que devem representar o estado de coisas” (p. 22), cujo valor lógico é indicar o verdadeiro e o falso.

A reterritorialização no modelo casal é a estratégia encontrada para passar por uma “família normal”. Importa lembrar que a denúncia se baseia na suposição de que três adultos que mantêm relações íntimas são potenciais abusadores de uma criança. Como mostra Butler (2002), as variações de parentesco que se afastam do arranjo diático da “[...] família heterossexual, instituída pelo juramento do casamento, tendem a ser consideradas perigosas para as crianças e a colocarem em risco as leis consideradas naturais e culturais que supostamente amparam a inteligibilidade humana” (p. 224).

Mas esta mesma justiça poderia garantir a constelação Aline os direitos de constituir parentalidade, caso projetos de lei como o PL 3369/15⁷ fossem discutidos e aprovados pela câmara de deputados. Ele propõe que se reconheçam como famílias “todas as formas de união entre duas ou mais pessoas que constituam ou que se baseiem no amor, na socioafetividade, independente de consangüinidade, gênero, orientação sexual, nacionalidade, credo ou raça, incluindo seus filhos”. Difundido pela mídia conservadora como “PL do Poliamor”, o projeto tornou-se alvo de fake news, que diziam



que seu objetivo era legalizar o casamento entre pais e filhos, uma vez que as uniões independeriam da consangüinidade.

A representação presente a qualquer regime simbólico é um princípio de decalque que se opõe ao mapa, campo de experimentação com múltiplas entradas e infinitas performances. É o que mostra o caso de Aline, que multiplica as linhas de força visíveis para mim, num primeiro momento. Já não posso falar apenas sobre relações não-monogâmicas consensuais, mas intrafamiliares, nas quais a vulnerabilidade social é vivida de diferentes modos.

Aline é uma mulher negra, de pele escura, que não compartilha o estigma da solidão comum a um número significativo de mulheres negras, como mostram os estudos de gênero, em especial os filiados aos feminismos negros⁸. Entre minhas interlocutoras, de maioria negra, a solidão também aparece relacionada ao preterimento tanto em relação a mulheres brancas, quanto a própria monogamia. “Ele me deixou e casou com uma mulher branca” ou “Não andava de mãos dadas comigo, mas quando começou a namorar uma branca foi logo fechando o relacionamento e apresentando para a família”, estão entre as narrativas do racismo nas relações não-monogâmicas inter-raciais.

Aline traça uma linha de fuga. Seu poder em relação aos seus companheiros se afirma de várias maneiras. Embora eu entreviste os três, é dela a palavra na maior parte do tempo e sua constelação foi tecida com seu protagonismo. Enquanto fala, um dos companheiros cuida da criança e outro ouve atentamente, com intervenções somente quando ela ou eu solicitamos.

Casada com Cláudio, um homem branco, da forma tradicional, “papel passado, véu e grinalda”, depois de 11 anos, Aline se uniu ao segundo companheiro, também um homem branco, europeu, com quem está há 6 anos. Para minha surpresa, a questão da raça não é mencionada durante sua narrativa da história de vida. Quando questiono Aline sobre as críticas que modos de vida como o poliamor vêm sofrendo, por supostamente não ser acessível a mulheres negras, ela me diz que conhece as críticas, principalmente as veiculadas pelo blog *Blogueiras Negras*, mas que pessoalmente não teve dificuldades de estabelecer relacionamentos amorosos ou sexuais durante sua vida. Foi dela a iniciativa de ir a um clube de swing, pela primeira vez, e também dela a vontade de ter relações amorosas, além das sexuais, que o ambiente do swing, ao qual se refere como uma “brincadeira de pessoas livres”, oferecia:



Para mim foi uma brincadeira. Eu que tinha, assim, uma vida tão fechada, né? Descobrir que têm pessoas assim tão livres... E eu gostava de ir não pelo sexo, nunca gostava de ir pelo sexo. Eu gostava da festa. De ir, de conversar, de dançar, de ver as pessoas, era isso. Chegava nas festas, dava 1h, 2h da manhã todo mundo sumia e eu ficava sozinha na churrasqueira. Isso começou a me incomodar. Aí eu falei pro Cláudio, "Ah, eu não estou gostando". E eu ficar com uma pessoa não rola. Eu sou muito encanada. Não saber o que a pessoa é, o que a pessoa pensa, sabe? Eu sou meio atrapalhada, assim. Aí o Cláudio falou, se você não se sente bem não vamos mais. Ficamos mais de um ano sem ir, só que eu sentia muita falta das festas, das pessoas, das amizades. Daí, nesse meio tempo eu assisti um programa na GNT que se chamava Swing Básico e falava de um casal, lá nos Estados Unidos, e a moça dizia: "Meu namorado curte, mas eu não curto. Eu sou poliamorista. Tenho um namorado que me acompanha, mas hoje ele não veio. Aí nisso me deu estalo. Quero um namorado. Foi assim que começou a história (com Hélio).

Como analisa Kastrup, a cartografia é um procedimento de pesquisa que não busca desvelar o que já estaria dado como realidade pré-existente, mas construir um plano comum entre interlocutores num processo de investigação. Neste primeiro momento, fica claro que a raça não afeta a constituição da constelação íntima de Aline, ou, se afeta, não é algo que lhe pareça suficientemente relevante para ser trazido a debate. Sinto que tentei fazer um decalque com minha pergunta. Por que ela deveria ter algo sobre raça a comentar? O fato de ser uma mulher negra é suficiente para traçar uma experiência comum entre ela e outras mulheres com fenótipos semelhantes? Por outro lado, o comentário "talvez eu seja muito ingênua", mostra seu entendimento de que este debate lhe concerne de alguma forma.

Considerações finais

Pensar constelações íntimas a partir dos afetos que as constituem é considerar seus devires e o desejo que as impulsionam em uma multiplicidade de associações. É pensar uma "política da relação" movida pelo entusiasmo do corpo, que segundo Massumi (2017), "não arrebatava um sem arrebatara ao menos dois" (p. 85).

Quando processos afetivos são postos sob análise torna-se necessário seguir o movimento das linhas de estratificações e desestratificações, acompanhar seus procedimentos de desterritorialização e reterritorialização, apreender as estratégias do desejo para traçar linhas de fuga sobre os estratos.



O fragmento da história de vida aqui tratada mostra que na constelação íntima Aline, a linha de fuga da monogamia começa a ser traçada a partir de uma curiosidade, uma “brincadeira”, num clube de swing, maneira pela qual muitos casais iniciam sua “carreira poliamorosa” (Pilão, 2018; Silvério, 2018). Segundo minha interlocutora, até ver uma reportagem sobre swing, ela e seu marido não tinham lançado qualquer questão sobre a monogamia em seu relacionamento. A mídia tem um papel imprescindível para despertar em Aline esta curiosidade. “Será que isso existe mesmo?”, foi seu primeiro pensamento, que logo se transformou em ação, ir à uma casa de swing com a prima e, depois de ver que gente “normal” e “bem vestida” freqüentava o local, convidar o marido.

Neste primeiro momento, a festa é o que mais afeta Aline para continuar frequentando o clube, “... conversar, dançar, ver as pessoas...”. É a partir dela que começa a se compor um campo de imanência, no qual o sexo ainda aparece em segundo plano. Predomina o desejo pela novidade, para quem “tinha uma vida tão fechada”, como ela diz. Trata-se de uma sociabilidade.

No desejo-potência, conforme Deleuze e Guattari (2011), a alegria é imanente e não pode ser medida pelo prazer, pois é ela quem distribui intensidades de prazer, impedindo sua contaminação por vergonha, culpa ou angústia. O desejo é o que constrói um campo de imanência, de possibilidades de existência.

Em nenhum momento a separação da constelação foi cogitada. A reterritorialização no formato de casal foi antes uma estratégia de resistência, por mais antagônico que isso possa parecer. O “tempo de amor” tem sido para a constelação Aline, também um tempo de dores, mas estas não superam os afetos alegres produzidos pelo encontro amoroso. Movem-se os fios e se criam novas possibilidades de existência amorosa.

Notas

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

² Parto do procedimento de análise criado por Deleuze e Guattari, que apresentam como elementos básicos de uma cartografia os princípios de conexão e heterogeneidade; de multiplicidade; de ruptura assignificante e de decalcomania, pelo qual não “...um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo”. DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 29.



³ Uso o social, no sentido defendido por Latour, para quem "... o 'social' não é uma cola capaz de fazer tudo aderir, incluindo o que as outras colas não podem fazer; o 'social' é o que é colado em conjunto com numerosos outros tipos de conectores". LATOUR, Bruno. Como prosseguir a tarefa de delinear associações?", in Configurações, nº 2, 2006, pp. 11-27.

⁴ Compersão é como se define no discurso poliamoroso a alegria de ver os parceiros sendo amados por outras pessoas.

⁵ Os nomes das interlocutoras foram trocados por questão de confidencialidade.

⁶ União poliafetiva é como têm sido chamadas no Brasil as escrituras de união estável, celebradas entre mais de duas pessoas. Registradas pela primeira vez em 2012, na cidade de Tupã, interior de São Paulo, as uniões poliafetivas foram proibidas em junho de 2018 pelo Superior Tribuna Federal (STF).

⁷ O texto completo do Projeto de Lei que institui o Estatuto das Famílias do Século XXI, de autoria do deputado federal Orlando Silva (PC do B/SP) pode ser conferido em [vi https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2024195](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2024195).

⁸ Sem pretensão de esgotar as referências, destaco os trabalhos de Ana Cláudia Lemos Pacheco, que pesquisou a solidão de mulheres negras no estado da Bahia; de Lélia Gonzales, que discute a hipersexualização da mulher negra, na figura da "mulata", na cultura brasileira, e seu lugar alheio ao amor neste, contexto; e de Claudete Alves da Silva Souza, que aborda o preterimento de mulheres negras em relação às brancas, nas relações matrimoniais na cidade de São Paulo. Ver mais em PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Mulher negra : afetividade e solidão. Salvador : EDUFBA, 2013; SOUZA, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo' 01/05/2008 118 f. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: Biblioteca Depositária: PUC/SP. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp056761.pdf>. Acesso em 27 nov 2018. GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira in Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: <<https://bit.ly/3bHfPZ4>>. Acesso em 27 nov. 2018.

Bibliografia

Becker, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1994.



Blogueiras Negras. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/>>, recuperado em 15 de setembro de 2019.

Butler, J. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. Cadernos Pagu, 2003. p.219-260.

Chauí, M. (2011). Desejo, Ação e Paixão na Ética de Espinoza. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Deleuze, Gilles. (1997). Logique du sens. Paris, França: Les Éditions de Minuit.

Deleuze, G. e Guattari, Felix (2011). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. São Paulo, Brasil: Editora 34.

Deleuze, G. e Guattari, Felix (1991). O que é a filosofia? Rio de Janeiro, Brasil: Ed. 34, 1991.

Ferreira de Paula, M. (2009). Alegria e Felicidade: a experiência do processo liberador em Espinosa. Tese de doutorado apresentada a FFLCH/USP, São Paulo, Brasil.

Foucault, Michel (2009). História da Sexualidade I: a vontade de saber. São Paulo, Brasil: Graal.

Gonzalez, L. (1984). Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira in Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p 223-244. Recuperado em: <<https://bit.ly/38JJM91>> Acesso em 05 mai. 2019.

Gleizer, M. A (2011). Espinosa & a afetividade humana. Filosofia passo-a- passo, nº53. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar, 2011, E-book Kindle.

Kastrup, V.; Passos, E. (2013). Cartografar é traçar um plano comum. Fractal, Rev. Psicol., Rio de Janeiro , v. 25, n. 2, p. 263-280, Aug. 2013. Recuperado em: <<https://bit.ly/3oOG2bC>>. Acesso em 27/05/2019.

Knudsen, P. P. P. da S. (2010). Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 18, n. 1, p. 161-170, Apr. 2010 . Recuperado em: <<https://bit.ly/2N0Ca9r>>. Acesso em 27/05/2019.

Latour, B. Como prosseguir a tarefa de delinear associações?”, in Configurações, nº 2, 2006, pp. 11-27.

Massumi, B. (2017). O que os animais nos ensinam sobre política. São Paulo, Brasil: N-1.

Pacheco, A. C. L. (2013). Mulher negra : afetividade e solidão. Salvador, Brasil : EDUFBA.

Pilão, A. C. (2018). Tese de doutorado Por que somente um amor?: um estudo sobre poliamor e relações não monogâmicas no Brasil. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, Brasil.



Scribano, Adrian (2013). Sociología de los cuerpos/emociones. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad. Nº10. Año 4. Diciembre 2012-marzo de 2013. Argentina. ISSN: 1852-8759. pp. 93-113.

Silvério, M. S. (2018). Tese de Doutorado Eu, tu... ilus: Poliamor e Não- Monogamias Consensuais. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Lisboa, Portugal.

Souza, C. A. Da S. (2008). Tese de Mestrado A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil. Disponível em <<https://bit.ly/35GoCGQ>>. Acesso em 27 mai. 2019.